

UMA BREVE LEITURA A RESPEITO DO CRESCIMENTO PENTECOSTAL: POSSÍVEIS CAUSAS SUBJACENTES DA VIOLÊNCIA RELIGIOSA DO MOVIMENTO

A BRIEF READING ON PENTECOST GROWTH: POSSIBLE CAUSES UNDERLYING RELIGIOUS VIOLENCE OF THE MOVEMENT

MoySES Naftali Leal Quitério¹

Resumo: O presente artigo discorre de um tema amplamente divulgado. Contudo, trabalha com hipóteses para buscar compreender o cenário da violência religiosa do segundo maior grupo religioso do Brasil. O pano de fundo da violência religiosa emerge em um contexto sociocultural pluralista e a diversidade como orgulho nacional. A principal ideia do texto é que a liderança pentecostal se articula em um sistema retroalimentar, entre religião, mídia e o Estado. O texto constrói um cenário que ora mostra o crescimento e a evolução ao longo das décadas juntamente com o exclusivismo do movimento, ora propõe que a alta liderança pentecostal é a responsável por uma violência da pentecostalidade que se utilizada para se manter no poder. O caminho do artigo tem um viés histórico social que permite um olhar não encima do movimento de uma maneira macro, mas quem sabe no *lobby* do movimento.

Palavras-chave: Violência Religiosa; Intolerância Religiosa; Pentecostalismo; Evangélicos; Ciências da Religião.

Abstract: This article discusses a widely publicized theme. However, it works with hypotheses to try to understand the scenario of religious violence of the second largest religious group in Brazil. The background of religious violence emerges in a pluralistic sociocultural context and diversity as national pride. The main idea of the text is that the Pentecostal leadership articulates in a feedback system, between religion, media and the State. The text constructs a scenario that now shows growth and evolution along the decades together with the exclusivism of the movement or proposes that the high Pentecostal leadership is responsible for a violence of Pentecostalism that if used to keep in power. The path of the article has a social historical bias that allows one not to look above the movement in a macro manner, but who knows in the *lobby* of the movement.

Keywords: Religious Violence; Religious intolerance; Pentecostalism; Evangelicals; Sciences of Religion.

Artigo submetido em 01/08/2018. Aprovado em 05/10/2018.

¹ Mestre em Ciências da Religião e Teólogo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Membro do grupo de pesquisa NEP – Núcleo de Estudos do Protestantismo da UPM. Atualmente é estudante de *Letter* no *Community College of Rhode Island* – CCRI. E-mail: moysesl@icloud.com



Introdução

As disputas e desdobramentos de movimentos religiosos, como por exemplo o pentecostalismo, ganham cada vez mais contornos a respeito de uma violência que não necessariamente é física, mas verbal, atacando ostensivamente a crença religiosa de outras religiões. Não é difícil pensarmos em uma intensa correlação entre a religião e a violência nos inúmeros casos dispersos nos meios de comunicação. As discussões ganham os circuitos acadêmicos cada vez mais. Podemos, contudo, destilar preciosas informações e destacarmos possíveis hipóteses de um tema cada vez mais discutido na sociedade.

Partimos também de pressuposições de um tema que têm de alguns pesquisadores as mais diversas lentes para a leitura desse objeto de pesquisa. Isso significa que já existem alguns caminhos percorridos a respeito da violência no pentecostalismo, entretanto pretendemos contribuir seguindo uma outra direção. Ademais, visamos lançar um olhar não sobre a realidade das comunidades e dos indivíduos que frequentam cultos nas periferias. Nossa atenção neste texto será lançada a um alto clero da liderança religiosa pentecostal que buscam um poder religioso por meio de um sistema retroalimentar que podem instigar a violência.

Iniciaremos o texto retrazendo contornos históricos do movimento pentecostal e o seu crescimento hegemônico que está inserido dentro da categoria de evangélicos². O movimento pentecostal brasileiro foi no início do século passado um grupo minoritário no país que buscou ganhar o seu espaço. Contudo, nunca deixou de lado o *ethos*³ de uma sociedade religiosamente intolerante e, por conseguinte, violenta. O pentecostalismo rapidamente em

² Utilizaremos aqui a definição de Ricardo Mariano na íntegra, a respeito do termo Evangélico: “Na América Latina, o termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). *Grosso modo*, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espírito, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênção e a realização de milagres.” (MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Revista Estudos Avançados* 18, n. 52, 2004, p. 121-138.)

³ Tomo *ethos* de Vital da Cunha (2008) em termos de uma forma de pensar e agir na realidade. Ou seja, o *ethos* seria uma perspectiva, uma forma de compreender o mundo, de estar no mundo, uma cosmovisão que orienta a ação e o pensamento dos indivíduos.



algumas décadas se tornou um movimento que passou de uma posição de vítima da violência ao sujeito da violência.

Mas por que será que a pentecostalidade se comporta assim? Nas mais diversas pesquisas mostram o protagonismo da violência do movimento. Em 2017 uma reportagem registrou mais de oitocentas ocorrências de intolerância religiosa no Estado do Rio de Janeiro⁴. Isso representa uma média de mais de dois casos por dia naquele Estado. Ainda segundo a pesquisa, as religiões de matriz afro-brasileira correspondem a 71,5% dos atendimentos. Os ataques são de maioria de evangélicos pentecostais⁵. Os inúmeros estudos, pesquisas e meios de comunicação constantemente chancelam a intolerância religiosa que as vezes são instauradas pelas mais diversas classes, de frequentadores, pastores, políticos e até de narcotraficantes.

Entretanto, partimos do pressuposto que o movimento pentecostal criou seus próprios atores e é formado por alguns líderes influentes que buscam se manter no poder religioso do movimento. Além disso, propagam para os seus seguidores que são co-governantes de Jesus e tem a missão de serem instauradores da paz e do amor em sua terra. Para isso, vendem uma ideia que estão salvando os evangélicos do mundo mal. Juridicamente podemos afirmar que seguem na contramão da laicidade⁶. Observamos também que a busca se concentra cada vez mais em uma representação política e uma influência midiática.

⁴ Manchete: RJ registrou 800 atendimentos de intolerância religiosa em 2017, de acordo com Secretaria Estadual dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/rj-registra-800-atendimentos-de-intolerancia-religiosa-em-2017.ghtml>>. Acesso em 30 de julho de 2018.

⁵ Embora o texto empregue o termo *pentecostal* em praticamente todo o texto, parte de nossas afirmações refere-se ao campo neopentecostal, contudo, vez ou outra utilizarei a tipologia neopentecostal para definir um pentecostalismo mais moderno.

⁶ Utilizamos a definição empregada por Ari Pedro Oro (2011, p. 222): “A laicidade diz respeito, sobretudo e primeiramente, ao Estado. Como afirma Ternisien, a laicidade ‘se mede pela existência ou não de uma dimensão religiosa da nação, pela existência ou não de uma religião de Estado, pelo lugar do ensino religioso na escola etc.’ (Ternisien, 2007, p. 26-28). Ou seja, o Estado é laico quando prescinde da religião, ‘quando já não requer mais a religião como elemento de integração social ou como cimento para a unidade nacional (...). Por isso, o Estado laico surge realmente quando a origem dessa soberania já não é sagrada e sim popular’ (Blancarte, 2000, p. 3). A laicidade e a separação entre política e religião constituem, como sustenta Bauer, ‘características do mundo ocidental. Elas possuem pouco ou nenhum sentido na maioria das outras sociedades’ (Bauer, 1999, p. 8). Entretanto, elas não ocorrem de forma homogênea nos diferentes países ocidentais. Ao contrário, como destacam Bressler e Simard, tais países ‘estão longe de apresentar uma concepção uniforme das relações entre o poder político e as instâncias religiosas’ (Bressler e Simard, 2006, p. 34).” (ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente: Algumas considerações. *Revista Civitas*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, maio-ago. 2011, p. 221-237.)



1. O esforço pentecostal em busca do protagonismo

Precisamos destacar que o movimento pentecostal foi por décadas um grupo minoritário no país e antes do seu crescimento sofria fortes pressões do catolicismo. Ricardo Mariano (2011) destaca que a liderança católica empreendeu esforços para tentar dificultar a expansão de seus concorrentes religiosos até o fim da década de 1950. Mariano, evidenciou ainda que havia o orgulho da nação católica e no início do Estado Novo. Em 1939, o Departamento de Defesa da Fé implementou uma política de oposição ao protestantismo.

No começo [da evangelização protestante no país] os crentes eram perseguidos, presos, torturados, expulsos de cidades, feridos em apedrejamentos, mortos em invasões de residências e de templos ou em traiçoeiras emboscadas [...] e que, “no interior do país, até os anos 50 ainda havia assassinatos de crentes, derrubada de templos, agressões”.

(SYLVESTRE, 1986, p. 41 apud MARIANO 2011, p. 247)

Os ataques as religiões minoritárias não é um tema recente na sociedade e na academia. Nos inúmeros casos vemos uma brasilidade carregada pelas feridas da violência e da intolerância religiosa desde a sua colônia por religiões majoritárias, como o caso do catolicismo. Ari Pedro Oro (2011, p. 225) afirma que “durante todo o período colonial (1500–1822) e imperial (1822–1889), o catolicismo foi a única religião legalmente aceita”. Isso mostra que os grupos religiosos minoritários sofreram e ainda sofrem com a presença de religiões dominantes. O pentecostalismo, no início até a metade do século passado sofreu as duras perseguições de uma religião que foi formada desde a sua colonização.

Regina Novaes (2001, p. 45-65) disserta que já nas décadas de 1950 e 60 a Igreja Católica alertava em suas publicações para os perigos das “heresias modernas: o espiritismo, o pentecostalismo e a maçonaria”. Na década de 1970, ela destaca que a Igreja Católica passou a encomendar várias pesquisas para compreender as razões da conversão de católicos ao pentecostalismo. E vários foram os paradigmas para entender as razões, desde aos desenvolvimentistas para caracterizar o atraso da América Latina, o êxodo rural, a falta de urbanização e a industrialização para tentar explicar a causa. Outros estudos de conceitos marxistas apontavam para o “modo de produção capitalista” e que o pentecostalismo reforçava a “ideologia dominante impedindo a emergência de uma consciência de classe”.



Novaes afirma que a penetração desse grupo modificou o conjunto de relações no campo religioso.

Novaes (2001) concluiu que o pentecostalismo introduziu a concorrência religiosa explicitada por meio da exigência de *conversão* e *exclusividade*. Contudo, Novaes (2001, p. 60) compreende que é preciso atentar para outros “mecanismos, valores, ambiguidades e sentimentos socialmente construídos ao longo da história econômica, política e cultural – que possam predispor à conversão ao pentecostalismo”. Ademais, queremos dizer que para compreendermos a violência presente no *ethos* pentecostal é preciso, portanto, compreender esses mecanismos, valores e ambiguidades presentes e que foram construídos por décadas, e essa exclusividade explicitada tem o poder de separar ainda mais.

Em outro texto, Novaes (1985, p. 63) afirma que a chegada de grupos evangélicos pareceu de alguma forma alterar as relações do campo religioso surgindo como uma opção religiosa competitiva. Novaes percebeu que “estes evangelizadores não logravam fazer adeptos, vinham de fora e eram expulsos pelos católicos, comandados ou incentivados por padres”. Em sua pesquisa de campo Novaes entrevista alguns indivíduos que relatam os casos de intolerância religiosa:

Uma vez chegaram uns crentes lá, e começaram quietinhos a construir uma igreja. Aí passado um tempo, o padre e os outros perceberam que era ‘igreja de crente’, aí o padre disse ao povo: ‘Quem precisar de tijolo pode ir lá buscar. O povo foi e acabou com a construção.

(Entrevista de agricultor católica – NOVAES, 1985, p. 63)

Uma vez, faz tempo, foi lá por 1930 e poucos, era o tempo do padre chamado J.A., era bravo. Ele vendo um crente, ele expulsava. Uma vez os crentes e as missões estavam aqui, aí os católicos se juntaram e foram jogar pedras nos crentes. Eu não vi, me contaram.

(Entrevista de uma crente agricultora – NOVAES, 1985, p. 63)

Além disso, é importante compreender que o movimento evangélico de maneira geral sempre sonhou alto e acirrou severas disputas por espaços midiáticos e políticos. Na República populista (1946–1964) os pentecostais em conjunto com os evangélicos queriam a todo o custo o seu espaço. O *status* que queriam eram ser reconhecidos pelo Estado como uma religião e não uma seita, como exemplo, em 1960 que se mostraram a ser numerosos enchendo o estádio do Maracanã no Rio de Janeiro com a presença do famoso pregador



internacional Billy Graham. As ditas cruzadas começaram a ser um fenômeno corriqueiro sendo realizados em espaços abertos como estádios, ginásios, ruas e praças.

2. Um breve panorama do crescimento pentecostal brasileiro

É importante nesse tópico retrarmos uma breve visão do perfil evangélico pentecostal. Os últimos dados censitários mostraram o avanço demográfico dos pentecostais. O último censo do IBGE em 2010 mostrou que os evangélicos representavam mais 42,3 milhões de pessoas — ou, se preferir, 22,2% da população. Isso mostra que deixaram de ser a minoria religiosa para, agora, um grupo de destaque no cenário religioso brasileiro. Conquanto, precisamos refletir a respeito do crescimento pentecostal para as próximas décadas⁷. Existem estudos mais recentes que apontam para uma estagnação e até decréscimo. Para Paul Freston (2013), a falta de uniformidade e o esgarçamento institucional tendem a mostrar sinais de sobrevida para um futuro próximo⁸.

De qualquer modo, precisamos destacar que no Brasil, atualmente, se trata da maior comunidade pentecostal do planeta e isso quer dizer que, uma a cada sete pessoas pertence à pentecostalidade. O fenômeno pentecostal no Brasil tornou-se em algumas décadas o segundo maior grupo religioso do país, segundo os dados censitários de 2010 do IBGE. Somente os pentecostais representam mais de 25 milhões de fiéis, ou seja, a maior fatia do total dos evangélicos. A maior igreja evangélica do país é de longe a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com mais de 12 milhões de fiéis (contudo, é bem verdade que inúmeras

⁷ Paul Freston (2013) acredita que o pentecostalismo encontrará medidas para continuar crescendo e que há sinais de que o pentecostalismo está encontrando dificuldades em fazer uma transição para uma nova identidade na sociedade brasileira. Freston destaca algumas das dificuldades de crescimento dos pentecostais, como por exemplo: A chegada iminente da estabilização numérica; a entrada no seu segundo século de história (já não é um movimento novo, já carrega um certo peso histórico); e as mudanças sociais e educacionais no perfil dos seus membros, junto com a ascensão econômica do país como um todo. Algumas de suas feridas (os escândalos, a liderança autoritária e o péfio desempenho político que afetam negativamente a sua imagem pública) são auto infringidas e talvez haja tempo ainda de curá-las. Mas outros problemas talvez sejam decorrentes de limitações mais profundas e inerentes, que levem a longo prazo ou a um declínio, ou a uma mutação pessoal ou institucional para algo que não seja mais o pentecostalismo. (FRESTON, 2013, p. 3-4).

⁸ Além disso, Freston acredita que o pentecostalismo é prisioneiro do mercado religioso assim como todos os outros são socialmente “produzidos e mutáveis”. Freston acredita que, no Brasil, a demanda por alguns dos produtos (aspectos sociológicos) do pentecostalismo está diminuindo, isso porque essas necessidades estão sendo encontradas de outras maneiras, melhora na economia, saúde, educação. Soma-se a isso também o secularismo, em que os milagres do pentecostalismo são colocados cada vez mais em dúvida. Além disso, podemos acrescentar estudos a respeito da nova classe média que relevam que há uma menor tolerância à corrupção na vida pública, o que por consequência pode refletir-se em menor tolerância à corrupção na vida da igreja. (FRESTON, 2013, p. 63-90).



igrejas levam o nome *Assembleia de Deus* e devem ser seguidas pelos seus respectivos ministérios; ex.: Belém, Madureira, Ipiranga, Vitória em Cristo, dentre outras centenas). De qualquer modo, formam o maior conjunto de igrejas evangélicas no Brasil. A Igreja Universal do Reino de Deus do Bispo Edir Macedo vem em seguida, e é outra grande igreja pentecostal que exerce uma enorme influência política e midiática no Brasil.

O crescimento pentecostal remonta a partir da década de 1960 com novas igrejas coadunado ao movimento. Uma proposta de *cura divina* foi instaurada e, posteriori a *luta contra o mal* e a *prosperidade* formando assim a catequese do pentecostalismo no geral, o que poderíamos adjetivar como a *tríade do pentecostalismo*. A luta contra o mal foi associada e combatida em oposição as outras religiões. Para Novaes (2001), o pentecostalismo introduziu a concorrência religiosa explicitada por meio da exigência de *conversão* e *exclusividade*. Os espaços midiáticos como o rádio e acabaram se tornando a voz do movimento que aproveitou alguns pequenos espaços na política. Mais tarde, os pentecostais modernos — os neopentecostais — começaram comprando horários nas emissoras de televisão, as quais naquela época eram consideradas *horas mortas*. Leonildo S. Campos (2008) acrescentou que nesse cenário, os pentecostais brasileiros começaram a se fazer frequentes na televisão e isso ajudou a projetar o movimento, deixando-o em destaque até os dias atuais.

Possivelmente o motivo de tanta complexidade em entender o pentecostalismo brasileiro seja a sua pluralidade que aproveitou por ser uma característica cultural do país. Em 1993, em seu doutoramento, Paul Freston (1993, p. 35) afirmou que o pentecostalismo não só crescia rapidamente, mas também se fragmentava cada vez mais em centenas de grupos autônomos ou denominações. Ele acrescenta que “se no mundo católico todos os caminhos levam a Roma, no mundo protestante, muitos terminam onde começam: em algum morro carioca ou subúrbio paulistano”. Um estudo mais recente encomendado pelo Jornal O Globo (26/03/2017) mostrou que uma nova organização é aberta por hora no Brasil, desde 2010 até o ano de 2017⁹. Como entender essa complexidade de igrejas no Brasil? Precisamos lembrar que a diversidade cultural é o orgulho brasileiro. Isso se dá pela própria identidade que muito ajudou o pentecostalismo em seu *modus operandi*. A expansão das novas igrejas mostra

⁹ “Desde 2010, uma nova organização religiosa surge por hora”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799>>. Acesso em 03 de julho de 2018.



justamente essa característica brasileira, uma diversidade para além do cultural, uma diversidade religiosa.

O enredamento é tanto que a tipologia pentecostal surgiu a partir da década de 1970 com o objetivo de esclarecer a proliferação institucional de igrejas que foram sendo aberta a torto e a direito¹⁰. O *boom* ocorreu na década de 1980 em diante com igrejas de menores expressões nas comunidades periféricas e também a consolidação de instituição religiosa apontada como midiáticas e que fizeram efervescer ainda mais o cenário religioso. Tipologias propostas como neopentecostalismo — acrescido o prefixo *neo* — foram uma opção para categorizar as igrejas evangélicas (não-históricas) abertas no final da década de 1970. Tendo como a sua progenitora a Igreja Universal do Reino de Deus (1977, RJ), seguido posteriormente pelas igrejas: Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), e a Renascer em Cristo (1986, SP). Tais instituições ganharam destaque rapidamente e foram consideradas as primeiras e, por conseguinte as principais instituições neopentecostais na academia brasileira.

À medida que o movimento foi lutando em busca dos espaços públicos, foi ganhando pequenos espaços na sociedade brasileira. Nas últimas três décadas a composição religiosa da população brasileira sofreu drasticamente. Houve um intenso e acelerado trânsito de fiéis em direção aos grupos evangélicos. Isto é, enquanto a representação dos católicos na população brasileira declinou de 83,3%, em 1991, para 73,8%, em 2000, e 64,6% em 2010. Com esse trânsito os pentecostais avançaram e obtiveram um crescimento de 111% entre o censo de 1980 e 1991 e de 116% entre 1991 e 2000 no último censo em 2010, quando comparado com o anterior, o crescimento foi de 61%. (QUITERIO, 2018).

Contudo, precisamos destacar e afirmar que o movimento pentecostal no Brasil se origina de uma classe pobre e trabalhadora. Queremos dizer que é possível observar uma estreita relação entre o pentecostalismo e os níveis de classes sociais mais baixos. O censo do IBGE em 2010 mostrou que em termos de renda — usando aqui a classificação descendente brasileira em *classes* de A a E — os pentecostais são apenas 6,3% das classes AB (ou seja, superior e médio), mas atingem o seu nível mais forte de 15,3% na classe D. (mais baixa). Isso nos permite observar que o público pentecostal diminui à medida que o nível socioeconômico médio evolui. (FRESTON, 2013). Além disso, Faustino Teixeira e Renata Menezes (2014)

¹⁰ *A torto e a direito* é uma expressão popular da língua portuguesa que significa "fazer alguma coisa à toa, às cegas, em excesso, demais".



identificaram que a cor predominante do movimento pentecostal, segundo o censo de 2010, é parda (48,9%), seguido por branca (41,3%), e preta (8,5%). Segundo Teixeira e Menezes (2014), 54,1% do indivíduo pentecostal não possui instrução ou fundamental incompleto, e somente 4,8% possui superior o ensino superior completo. É importante que tenhamos em mente este panorama socioeconômico e predomínio de cor e nível de instrução da pentecostalidade brasileira.

Observamos até aqui que o movimento cresceu, haja vista os dados supracitados acima. Mas que é constituído em sua maioria de pobres com baixo grau de instrução e, também, nem sempre são ligadas as grandes igrejas com seus megatemplos e os seus respectivos pastores. Entretanto, não se pode dizer que somente restringem aos estratos pobres da população; encontra-se também as classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, artistas e atletas. Mas quando falamos pela grande massa pentecostal vemos que prevalecem os dados censitários.

Contudo, sabemos que existem grandes instituições pentecostais que possuem um poderio econômico e uma boa representatividade demográfica. Porém, não podemos perder de vista, que a maioria dos pentecostais segundo o censo frequenta pequenas ou médias denominações, e não necessariamente megatemplos. São igrejas que possuem em sua maioria salões alugados em estabelecimentos comerciais. Isso sem mencionar a periferia, onde os cultos podem ser realizados e improvisados em garagens de casas simples. Essas igrejas e seus pastores costumam ser tão pobres como os seus fiéis. Os pastores não são assalariados pelas suas igrejas e representam muito mais como *lideranças comunitárias* e conhecem todos os seus seguidores pelos seus nomes. (FERNANDES, 2017).

O pentecostalismo tem se destacado como um grupo dinâmico e ativista. E como é destacado esse ativismo? Mariano (2004) entende que o ativismo pentecostal avança pelo campo político partidário, acesso aos meios de comunicação, editorial e produtos religiosos para atender os milhões de pessoas ligada a pentecostalidade. Isso mostrou uma enorme visibilidade pública, dando a legitimação e o reconhecimento do movimento no âmbito social. É importante destacar os aspectos históricos-sociais da origem e do crescimento foram aqui utilizados para pavimentar novos caminhos dando subsídio para a nossa argumentação.



3. Aspirações do clero pentecostal

Segundo Alexandre B. Fonseca (2003), é possível compreender a busca dos grandes líderes pentecostais no cenário religioso. Para ele a busca da liderança pentecostal vai desde à legitimação sociopolítica e busca de prestígio social, nesse caso a busca pelo acesso ao rádio e da televisão, ao enriquecimento pessoal e à liderança transdenominacional. A partir desse conceito proposto por Fonseca (2003) fica claro a busca não somente pelo dinheiro, mas pelo poder.

Não restam dúvidas que os líderes se valem do seu carisma — aspectos sociológicos. Contudo, precisamos destacar que falam para dentro de suas igrejas, por mais que suas vozes respiguem nas mídias. Como exemplo, um grande pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, um ativista nos meios de comunicação, o pastor Silas Malafaia, que não tem a voz na Igreja Universal. Isso mostra que o pentecostalismo criou seus próprios atores que discursam para o seu rebanho. É preciso ainda destacar que o próprio Pastor Silas Malafaia também não é a única voz da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, existem diversos pastores (ou atores) de grande expressão dentro da instituição que são os porta-vozes do *céu* e atuam no poder e controle de suas igrejas.

De qualquer maneira, precisamos compreender que existe uma hierarquia implícita no meio pentecostal que geralmente ocorrem nas entrelinhas. Como mencionamos acima, o pastor Silas Malafaia não possui voz na Igreja Universal do Reino de Deus, contudo, pode ter seus ouvintes pentecostais das inúmeras igrejas Assembleias de Deus espalhadas pelo país. Entretanto, esses pastores podem aceitar o discurso difundido nos espaços midiáticos e entender que ele é a voz representativa do movimento. Isso ocorre porque muitas vezes esses pastores de menor expressão ficam somente no gueto e pressupõem que tais figuras midiáticas entendem o contexto macro da brasilidade, e que, portanto, esses líderes realmente sabem qual é o propósito e o bem do país.

Compreender essa particularidade do movimento é de enorme importância para não haver equívoco e aceitar que aquela voz (líder) representa todo o movimento pentecostal. Contudo, como vimos no parágrafo acima, existem hierarquias sociais de pastores que por carisma aceitam a voz daquele ator midiático do movimento. Esse ator pode ser tanto um pastor atuante na igreja, ou um representante político. Contudo, apesar dessas diferenças, é



possível notarmos semelhanças em seus discursos fundamentalistas e conservadores. Esses líderes utilizam a todo o momento do seu capital cultural¹¹ e produzem material em redes de televisão, rádios e redes sociais. E sempre que necessário se unem para defender os interesses que lhe convém.

A Frente Parlamentar Evangélica — ou, se preferir, a Bancada Evangélica — é um exemplo de que o pentecostalismo passou a ter representante no Congresso e na Câmara para as pautas que de alguma maneira geram benefício para as grandes instituições pentecostais. Podemos ecoar a voz de Mariano (2011, p. 252) onde os católicos e evangélicos “têm recrudescido seu ativismo religioso, político e midiático para ampliar a ocupação religiosa do espaço público, influenciar a esfera pública e estatal”. Nesse caso promovem a moralidade cristã tradicional e tentam estendê-la a sociedade “por meio de *lobby* e da participação na política partidária”. Isso quer dizer que em um contexto sociocultural pluralista, eles estão empenhados para lutarem e defenderem seus direitos, que são travestidos para seus fiéis por uma doutrina-cristã.

Não é à toa que os temas que unem a Bancada Evangélica estão sempre ligados a temas morais. A jornalista Andrea Dip (2018) afirma que as pautas relacionadas ao controle do corpo e à moralidade sexual são as que tocam a bancada. Bandeiras são levantadas a favor da família, contra o aborto e contra a agenda homoafetiva. Dip (2018) destaca que os assuntos que são tramitados na Câmara giram em torno de datas comemorativas religiosas, contra o direito reprodutivo das mulheres. Contudo, vai além disso; o que está por trás dessa moralidade vai também em benefícios econômicos e fiscais a igrejas e seus membros. Os congressistas evangélicos se utilizam do seu capital religioso para se elegerem, o que não é errado, mas por vezes podem não estar preparados para exercerem cargos políticos. Ser um político pode necessitar de formações e habilidades diferentes. A oralidade e a versatilidade nem sempre são suficientes para governar ou representar uma nação.

Para se ter uma dimensão do *poder* que estamos falando, Dip (2018, p. 47) aborda um quadro em seu obra que entre os anos de 2014 a 2017, 56 projetos tramitaram pelo Congresso

¹¹ Valemos aqui da definição empregada por Pierre Bourdieu. Em suma, Bourdieu define “capital” como um trabalho que ao longo do tempo foi acumulado e que foi desenvolvido a partir de uma disposição social: “As lutas pelo reconhecimento são uma dimensão fundamental da vida social e [...] nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento.” (BOURDIEU, 2004, p. 35-36)



Nacional para datas comemorativas e religiosas, 35 benefícios econômicos e fiscais a igrejas e seus membros, 29 contra a diversidade de gêneros e direitos afins, 26 contra direitos reprodutivos das mulheres, 15 para privilégios legais para membros da igreja. A partir desses dados, pressupomos que as datas comemorativas e religiosas e a agenda contra gêneros e direitos reprodutivos são os valores vendidos ao fiel pertencente a movimento, mas que, por trás desses temas, ganham destaques os privilégios e benefícios econômicos e fiscais para o alto clero da pentecostalidade.

Além disso, outro fator que ganha destaque é a presença das mídias dos grandes líderes pentecostais. De uma maneira mais ampla, Fonseca (2003, p. 273) entende que a presença nas mídias por parte dos evangélicos — inclui-se maioria dos pentecostais — é uma das formas de legitimação social e política, e “funciona como uma defesa institucional que não busca somente uma imagem positiva”, a presença midiática também “assume em determinados momentos o contorno de proselitismo agressivo que ataca outras religiões”. Para além disso, o espaço na mídia busca acrescentar valores em busca da aceitação e respeitabilidade. A relação dos meios de comunicações e política é um fenômeno bastante explorado no país. Ou seja, à medida que o movimento pentecostal consegue eleger prefeitos, vereadores e deputados, a igreja ganha seus privilégios como facilidades para alvarás de suas igrejas, terrenos para construções de templos, apoio em eventos, concessões de rádio. (QUITERIO, 2018).

Em contrapartida, os líderes ganharam poder e prestígio social. Um movimento com algumas dezenas de líderes julgam ser o Moisés, a figura emblemática e heroica do folclore israelita que salvou seus milhões da escravidão e da servidão rumo a terra prometida. Líderes religiosos que falam em nome de Deus são o pano de fundo dos pentecostais brasileiros. Funcionam como um mecanismo, um ciclo sem fim, pois à medida que ganham o poder no executivo e no legislativo ganham a manutenção dos seus privilégios. Além disso, podem-se beneficiar com concessões de radiodifusão que por vez utilizam para o seu proselitismo e se elegerem novamente. Funcionando assim como um sistema retroalimentar.

Esses atores pentecostais, sejam pastores ou políticos, com seu ativismo religioso e a sua hierarquia social, buscam mostrar ao seu público, fiéis ou simpatizantes que precisam trazer à tona a verdade e defender os interesses da família. Esse ativismo se apresenta como uma causa subjacente e que nem sempre está latente aos olhos dos fiéis. A grande massa, como vimos no texto, é a parte importante para esses líderes religiosos. Entretanto,



promovem uma violência religiosa implícita entre o bem e o mal a todo momento para as denominações e fiéis do pentecostalismo, tornando-se uma espécie de *habitus*. Pierre Bourdieu (2017) compreende *habitus* como um esquema avaliativo compartilhado e quase sempre irrefletido e inconsciente, e que, portanto, guia nossa ação e nosso comportamento efetivo no mundo.

Considerações finais

Procuramos neste texto percorrer um caminho que procurasse encontrar prováveis causas da violência do pentecostalismo. Deixamos claro no início do texto que diversos são os estudos em torno do objeto pentecostalismo e violência. Pesquisadores têm buscado trazer as mais diversas propostas para compreender esse fenômeno. Ademais, não procuramos aqui fatos ou histórias pontuais de violência que ocorrem no pentecostalismo, mas buscamos compreender a violência do movimento a partir do fiel e sim de um sistema do movimento, que precisa sempre estar instigando para retroalimentá-lo. Uma estreita relação entre política e mídia são de fato o grande interesse da alta liderança pentecostal do Brasil.

A violência apresentada não necessariamente é física, mas verbal, atacando a crença religiosa de grupos minoritários e até do maior grupo religioso, no caso, o catolicismo. À medida que o pentecostalismo foi se consolidando, o movimento declarou o seu fortalecimento e mostrou a sua potência de um grupo não mais minoritário, mas um grupo com representatividade de uma boa parcela da população. Entretanto, foi possível notar também que o pentecostalismo não encontra desafios de construir muros e destruir pontes. O discurso sempre ocorre quando lhe convém. Contudo, entendemos que isso não é somente do pentecostalismo. Mostramos ao longo do texto como o pentecostalismo (evangélicos) sofreu para ganhar seus *status quo*, e, à medida que ganharam seu destaque demograficamente e os seus espaços na política e também na mídia, mostram a frieza no ataque, reproduzindo o que o catolicismo fez há décadas com religiões de matriz afro e evangélicos.

Geralmente nosso olhar é sempre em torno do movimento pentecostal que às vezes pode ser entendido como religiosamente intolerante, dando assim os seus sinais de violência. Contudo, destacamos alguns dados censitários que coloca o pentecostalismo como um movimento da baixa classe social. Podemos delicadamente insinuar que a pentecostalidade é



formado pela sua maioria de pobres e iletrados, e que, portanto, podem ser usados como um meio por sua representação, midiática, política, uma alta liderança carismática. O discurso é sempre a busca por uma nação escolhida por Deus, reivindicando o exclusivismo.

Por último, procuramos destacar que o movimento tem os seus porta-vozes. Não é um único que fala por todos; são muitos. Citamos os exemplos de dois pastores que falam para as suas igrejas, mas que possuem poder midiático e, portanto, ecoam nas hierarquias sociais implícitas para muitos de seus pastores coadjuvantes pelos meios comunicacionais. Entretanto, os *caciques da religião* pentecostal são de fato uma minoria. Um sem-número de líderes pastores e políticos que representam uma categoria que são legitimados pelo carisma dos seus fiéis. Possivelmente, um carisma sendo produzido a todo momento por eles. Tais lideranças articulam-se para instaurar uma ordem de moralidade cristã tradicional, e fazem por meio de *lobby* em um panorama da brasilidade que instiga ainda mais a violência. Mostram as suas forças perante a sociedade com as religiões minoritária em busca de uma consolidação a qualquer custo.

Referências

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica de Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Editora Zouk. 2ª ed. 4ª reimpressão. Porto Alegre, 2017.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Vozes: Rio de Janeiro, 1997.

_____. *Evangélicos e Mídia no Brasil: Uma História de Acertos e Desacertos*, Revista de Estudos da Religião, São Paulo, 2008, p. 1-26.

DA CUNHA, Christina Vital. *“Traficantes evangélicos”*: novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, 2008, p. 23-46.

DIP, Andrea. *Em nome de quem? A bancada evangélica e seu projeto de poder*. Editora Civilização Brasileira, 2018.



FERNANDES, Marco. Psicoterapia popular do Espírito Santo. *Margem Esquerda*, n. 29, Revista impressa Boitempo Editorial, 2017, p. 33-51.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e Mídia no Brasil*. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil: da constituinte ao Impeachment*. 03/12/1993. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. 303 p.

_____. The Future of Pentecostalism in Brazil: The Limits to Growth. In: HEFNER, R.; BERGER, P. (Eds.). *Global Pentecostalism in the Twenty-First Century*. Indiana University Press, 2013, p. 63-90.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. Editora Attar editorial, 2002.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Revista Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004, p. 121-138.

_____. Laicidade à brasileira: Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. *Revista Civitas*, v. 11 n. 2, Porto Alegre, 2011, p. 238-258.

ORO, Ari Pedro. A laicidade no Brasil e no Ocidente: Algumas considerações. *Revista Civitas*, v. 11, n. 2, Porto Alegre, 2011, p. 221-237.

QUITERIO, Moyses Naftali Leal. *A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro: estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o líder apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso Brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. 142 p.

TEIXEIRA, Faustino & MENZES, Renata. *Religiões em movimento: o censo de 2010*. Editora Vozes, 2014.

